
INTRODUÇÃO

A irrupção dos meios de comunicação social na vida e nas relações dos cidadãos, em particular dos mais jovens, está provocando uma crescente preocupação social, com conseguintes e pouco específicas demandas da instituição educacional.

Apoiando-nos em Jesús Martín-Barbero (1996), tal preocupação pode ser entendida como uma reação ante a *deslegitimação* e a *deslocalização* das formas contínuas do saber promovido na escola partindo do texto escrito, que constitui o centro de um modelo linear mecânico; ante o *saber visual* que subverte o modelo escolar por etapas, legitimado pela autoridade do professor; e ante o curto circuito que se produz nas relações entre pais e filhos, ao ter, estes últimos, acesso, por sua própria conta, ao mundo que antes lhes estava vedado: o dos adultos.

Esta perspectiva do problema apresenta a necessidade de que, partindo do sistema educacional, ou mais propriamente da escola, se articule algum tipo de resposta pedagógica que permita reinterpretar o papel dos meios nas sociedades contemporâneas, e que dote os cidadãos das capacidades que lhes facilitem uma relação crítica com a proposta midiática a que estão expostos.

Tal é a intenção da seção monográfica do número que hoje apresentamos, intenção tomada com excepcional precisão no breve texto preparado por Roxana Morduchowicz, a quem agradecemos haver tornado possível, com sua colaboração na coordenação, a realização deste número.

«Nas últimas décadas, a escola tem sustentado uma relação nada simples com os meios de comunicação. Entre o amor e o espanto, este vínculo tem se movido mais perto da desconfiança, da acusação e da condenação, que da aceitação e reconhecimento. Os meios de comunicação, no entanto, desempenham um papel central na vida das crianças e dos jovens. Primeira atividade de ócio e principal fonte de informação, os meios afetam e influem sobre a maneira em que as crianças e os jovens percebem a realidade e interagem com o mundo».

As identidades dos jovens se traçam na interseção do texto escrito, da imagem eletrônica e da cultura popular. Os centros comerciais, os bares, a televisão, os recitais de música, o cinema e as novas tecnologias modificam a percepção que os mais jovens têm da realidade, sua atitude ante o conhecimento e o modo em que concebem o mundo.

Uma educação em meios propõe analisar estas mudanças por meio da percepção da realidade. A educação em meios de comunicação – tema de nossa monografia – pensa a escola como uma via de entrada à cultura (e como uma via de entrada *da* cultura) e à compreensão do mundo. Ensinar sobre os meios significa explorar suas linguagens como maneira de denominar e de organizar a realidade, e entender as mensagens dos meios como leituras que tentam explicar como é a sociedade e por que funciona como funciona.

A educação em meios propõe uma nova forma de alfabetização. Existem os que falam de uma primeira alfabetização, protagonizada pelo livro e pela cultura letrada, e uma segunda alfabetização que nos abre às múltiplas escritas que hoje conformam o mundo audiovisual e informático. É por esta pluralidade de escrita pela qual passa, hoje, a construção de cidadãos que saibam ler tanto livros como jornais, revistas, videogames, vídeos e CD-Roms. Daí a importância que requer hoje uma escola capaz de um uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas.

A valoração da cultura popular proveniente da escola responde também às exigências da sociedade atual. Enquanto os filhos das classes mais favorecidas entram em interação com o ecossistema informacional e comunicativo a partir de seu próprio lar, os filhos dos setores populares, cujas escolas públicas (espaços decisivos de acesso às novas formas de conhecimento) não têm, em sua imensa maioria, a mínima interação com o entorno informático, estão ficando excluídos do novo campo de trabalho e profissional que a cultura midiática e tecnológica supõe (Martin-Barbero e Rey, 1999).

A presente monografia tenta explorar tais aspectos e responder a estes e outras interrogações. É possível que a escola redefina sua relação com a cultura e abra novos espaços nos quais os alunos aprendam a ler e a resignificar sua própria relação com o entorno midiático? É possível que a escola sirva de veículo para a interpretação da cultura e da mútua potenciação? É possível que a escola permita aos alunos expe-

rimentar e definir o que significa ser produtores culturais capazes de ler diferentes textos e de produzi-los?

Em resumo, nosso número 32 tenta explorar a relação entre a escola e os meios de comunicação, o potencial de uma educação que toma os meios como objeto de estudo, e as formas em que este ensino tem lugar. Partindo de contextos e realidades muito diferentes, o objetivo é sempre o mesmo: revalorizar a identidade cultural dos alunos – no qual os meios de comunicação ocupam um lugar essencial – e ensinar a pensar o mundo mediado e representado na tela da televisão, nas páginas de um jornal, em um filme ou na navegação por internet.

A seção «Outros Temas» está focalizada na perspectiva CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) para o ensino das ciências e da tecnologia.

Sem abandonar esse enfoque, T. Buch realiza uma proposta crítica a partir da qual traça a necessidade de revalorizar a educação tecnológica frente à «predominante» educação científica.

Por sua parte, Mariano Martín Gordillo e Carlos Osorio apresentam um projeto para a difusão da cultura científica, que aponta para o favorecimento do desenvolvimento das competências requeridas para participar em ciência e tecnologia.

A XIII Conferência Ibero-americana de Educação (Tarija, Bolívia, 4 e 5 de setembro de 2003) concluiu com uma Declaração que os ministros e ministras elevaram aos Chefes de Estados e de Governo da Ibero-América. Como é norma da RIE, o texto completo desse documento encontra-se na seção «Documentos», que, juntamente com as resenhas dos livros e das revistas recebidas nesta redação desde o fechamento do número anterior, completam o material que oferecemos aos nossos leitores.